**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS**

https://doi.org/10.63026/acertte.v4i7.195

**e47195**

# A PERSPECTIVA INTERCULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIA EM UM CURSO DE LÍNGUA COREANA

**SE EUN KIM**

**São Paulo**

**2022**

**SE EUN KIM**

# A PERSPECTIVA INTERCULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: EXPERIÊNCIA EM UM CURSO DE LÍNGUA COREANA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras.

**São Paulo**
**2022**

## AGRADEDIMENTOS

A Deus, pela graça e misericórdia que me guiou durante todo o tempo.

À professora Dra. Lilian Cristina Correa pela orientação, dedicação e encorajamento que me impulsionou a continuar este trabalho até o fim. Muito obrigada por ser minha orientadora e companheira nessa jornada.

À professora Dra. Vera Lúcia Harabagi Hanna pela orientação no primeiro semestre do TCC, motivação e inspiração durante todas as aulas, pelos seus livros que me ajudaram muito a conhecer melhor o meu tema e, em especial, pela participação na banca examinadora.

À professora Dra. Ana Paula Soares de Campos por toda atenção e acolhimento durante o curso, por ser um exemplo de professora que inspira alunos em toda situação, e pela participação na banca examinadora.

À professora Dra. Márcia Mello Costa De Liberal pela amizade e apoio dado desde que nos conhecemos, e pela revisão e dicas no texto final.

Aos demais professores do Curso de Letras, pelos ensinos e contribuição na minha trajetória acadêmica, e pelo acolhimento para alunos estrangeiros como eu.

Ao meu marido, por estar ao meu lado dando todos os auxílios que eu precisava durante meu estudo, e por ser um bom revisor, conselheiro, companheiro, e o amor da minha vida.

Aos meus filhos e demais membros da família pela paciência, confiança e muito amor incondicional que me deram durante este tempo crítico da minha vida.

Aos colegas pela amizade e compartilhamento de conhecimento durante quatro anos, e pela paciência e acolhimento.

Aos pastores e irmãos da Igreja Água Viva pelas orações e carinhos, que acompanharam toda minha vida acadêmica e me encorajaram sempre com as palavras preciosas.

**DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho*
*A Deus, em primeiro lugar e antes de tudo,*
*a meu esposo Dario, a minha melhor metade,*
*e a nossos filhos Sara e David, presentes do Altíssimo.*

## RESUMO

Este trabalho visa explicitar a importância da perspectiva intercultural no ensino de línguas estrangeiras no foco em estudo de caso em um curso de língua coreana com a própria experiência da autora. Para tanto, analisa-se as definições de identidade e diferença, cultura e língua bem como as relações entre si, e as perspectivas interculturais que podem ser aplicadas na sala de aula. Observa-se como a interculturalidade está presente nas salas de aulas, e como as teorias estudadas estão aplicadas. Por fim, chega-se à conclusão de que a interculturalidade faz um papel muito importante no ensino de línguas estrangeiras que os alunos possam entender melhor a cultura da língua-alvo sem estereotípico, ainda respeitando sua própria cultura como base da sua identidade. O referencial teórico apoia-se em Byram, Hall, Hanna dentre outros autores que explicam identidade, cultura e interculturalidade para o ensino de línguas estrangeiras.



**Palavras-chave:** interculturalidade; língua estrangeira; língua coreana; identidade; socio-cultural.

## ABSTRACT

This study aims to explain the importance of the intercultural perspective in foreign language teaching in the focus on a case study in a Korean language course with the author's own experience. To do so, it analyzes the definitions of identity and difference, culture and language as well as the relationships between them and the intercultural perspectives that can be applied in the classroom. It is observed how interculturality is present in the classroom and how the theories studied are applied. Finally, it is concluded that interculturality plays a very important role in foreign language teaching that students can better understand the culture of the target language without stereotyping it, still respecting their own culture as the basis of their identity. The theoretical framework is supported by Byram (1997, 2002, 2009), Hall (2003, 2006), Hanna (2019a, 2019b), among other authors who explain identity, culture and interculturality for foreign language teaching.



**Keywords**: interculturality; foreign language; Korean language; identity; socio-culture

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... 4
**1. INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA** ..... 8
1.1. Identidade, diferença, cultura e língua ..... 8
1.2. Definição de Cultura e sua relação com a Língua ..... 9
1.3. A cultura nacional, globalização e pós-modernismo ..... 10
1.4. Interculturalidade no ensino de língua estrangeira ..... 12
**2. ESTUDO DE CASO** ..... 17
2.1. Introdução sobre a escola coreana ..... 17
2.2. Dois tipos de interculturalidade na prática no ensino de língua estrangeira ..... 18
2.2.1. Ensinar a cultura tradicional ..... 18
2.2.2. Ensinar a cultura criativa ..... 25
2.3 Atividade física ..... 25
2.4 Atividade de artesanatos ..... 27
2.5 Aula de música ..... 29
2.6 Dias comemorativos ..... 32
2.7 Eventos culturais pela associação coreana ..... 34
**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 37
**REFERÊNCIAS** ..... 40

# Ilustrações

Figura 1: Corredor da Escola Aliança Coreana ..... 17
Figura 2: Playground da escola ..... 18
Figura 3: Aula on-line de curso de coreano para adultos e adolescentes ..... 22
Figura 4: Aula prática no restaurante coreano ..... 23
Figura 5: Material autêntico utilizando uma série coreana ..... 24
Figura 6: Aula de Taekwondo ..... 26
Figura 7: Aula on-line aprendendo música sobre animais ..... 27
Figura 8: Cordas de máscara feitas por alunos ..... 28
Figura 9: Dobradura de papel aprendendo legumes em coreano ..... 28
Figura 10: Aula de flauta doce antes da pandemia ..... 29
Figura 11: Aula de tambor coreano ..... 32
Figura 12: Aprendendo Páscoa da Coreia do Sul ..... 33
Figura 13: Feira da Aliança Coreana ..... 34
Figura 14: Ilustração feita pelo aluno Gabriel ..... 36

# INTRODUÇÃO

A internet possibilitou acesso a qualquer canto do mundo, sem limitações, facilitando o conhecimento de novas culturas, músicas, artes e idiomas. A troca de ideias é ilimitada com pessoas ao redor do mundo utilizando-se a tecnologia como meio de comunicação. Desta feita, em pleno século 21, aprender língua estrangeira é essencial para aprofundar a comunicação globalizada e maximizar as interações de todos quantos assim procederem, de modo a criar uma cidadania global competente. Mesmo com a atual tecnologia avançada de tradução, ainda existem muitas limitações para se comunicar sem conhecer o idioma da pessoa com quem se deseja conversar. Há elementos da comunicação que a tecnologia ainda não emula para oferecer uma comunicação satisfatória entre duas pessoas que não falam a mesma língua. Estes elementos se chamam "elementos socioculturais". Por esta razão, é importante aprender a língua estrangeira, alvo fundamental dentro do contexto sociocultural do povo que se utiliza desse idioma.

Para aprender uma língua, é preciso entender as características e nuances da sociedade e da cultura onde a referida língua é falada. Sem entender a sociedade e a cultura, pode-se ofender alguém ou ser mal compreendido mesmo que se comunique por meio de construções gramaticalmente corretas. Cada cultura tem suas ênfases, suas nuances, adversidades e costumes - que por vezes podem ser totalmente diferentes dos do local de origem do estrangeiro que tenta lá se inserir. Por exemplo, o gesto de fazer figa com a mão, no Brasil, é um sinal inocente que significa desejar sorte. No entanto, o mesmo gesto em países como Itália, Índia e Turquia têm conotação ofensiva contra a pessoa para a qual se está mostrando este gesto[1]. Por isso, pode-se dizer que todo e qualquer idioma carrega consigo a cultura e a sociedade dos que o falam. Sem conhecer tais elementos, é muito difícil falar uma língua estrangeira de forma adequada.

Entre as inúmeras línguas estrangeiras, há alguns motivos principais que as pessoas optam por aprender a língua coreana. A Coreia do Sul do Sul é conhecida como um dos "tigres asiáticos", um dos países que tem conseguido grande desenvolvimento

[1]Como visto no artigo "Do joinha à figa, gestos comuns podem ofender no exterior", disponível em <https://www.uol.com.br/nossa/viagem/album/2014/10/21/do-joinha-a-figa-gestos-comuns-podem-ofender-no-exterior-saiba-como-usar.htm?foto=10>; acessado em 12/05/2022.

econômico, desde os anos 1980, especialmente na indústria tecnológica. Aqui no Brasil, as pessoas conhecem bem os nomes de marcas coreanas, tais como Hyundai, Kia, Samsung, LG, que têm operações fabris no mundo inteiro e inclusive fábricas aqui no Brasil, do outro lado do mundo para eles. Estas empresas coreanas contratam funcionários locais, muitas vezes dando preferência aos que sabem falar a língua coreana e conhecem sua cultura. Sendo assim, alguns alunos que têm interesse em carreira relacionada a este tipo de indústrias acabam buscando o aprendendizado da língua coreana.

A onda de K-Pop e K-Drama (Hallyu) é outro motivo pelos quais o curso de idioma coreano está em alta demanda nos últimos anos. Um dos exemplos é a “boy band” sul-coreana “BTS”, que chegou ao estrelato mundial. Conforme Kwaak (2021), o grupo passou a distribuir ingressos de graça em 2014 para fazer shows lotando estádios no mundo inteiro em 2017 e, neste ínterim, igualou recordes musicais como dos ídolos Justin Bieber (top social artist of the year), Michael Jackson (cinco sucessos nº 1 nos Hot 100 em menos de um ano) e os Beatles (cinco álbuns nº 1 na Billboard 200). Com essas conquistas, os fãs deste grupo, que se intitulam “ARMY” (KWAAK, 2021), aumentaram muito fazendo com que o BTS quebrasse| recordes de engajamento pelo Tweeter, o que foi o motivo de sua entrada no Guiness Book:

> Em 20 de novembro de 2017, o Guinness World Records revelou que a BTS ganhou um lugar em sua edição de 2018 por "ter o maior número de engajamentos do Twitter para um grupo musical". Em dezembro, foi revelado que BTS foram as celebridades mais tuitadas em 2017, sendo "curtidos ou retuitados mais de meio bilhão de vezes (502 milhões)" em todo o mundo, mais do que o presidente dos EUA Donald Trump e Justin Bieber combinados (RAMLI, 2017).[2]

Este grupo fez shows algumas vezes no Brasil, e inúmeras pessoas viraram a noite para poder comprar os ingressos. Muitos deles são jovens estudantes, e eles querem aprender coreano para poder entender as músicas, entrevistas do BTS e todos os programas de televisão que o grupo apresenta.

[2] RAMLI, Bibi N. K-Pop kings BTS earns a spot in Guinness World Records 2018 for most Twitter engagements. 2017. disponível em: <https://www.nst.com.my/lifestyle/groove/2017/11/305636/k-pop-kings-bts-earns-spot-guinness-world-records-2018-most-twitter>. acessado em 02/03/2022.

Os filmes e séries coreanos também trouxeram um fervor para aumentar os números dos participantes de cursos de coreano. Esse fenômeno foi destacado desde os anos 2000, de acordo com Cecília Barroso, a crítica de cinema:

> Para a crítica de cinema Cecilia Barroso, editora do site Cenas de Cinema, a chamada "onda coreana" está diretamente ligada ao investimento feito há anos pelo governo do país asiático para promover sua indústria cultural e artística.
>
> "O fenômeno sul-coreano não é algo novo. Tudo isso começou lá em meados dos anos 2000, quando foram lançados filmes de ação e terror, como 'Oldboy', de Park Chan-wook, 'O Hospedeiro', de Bong Joon-ho – diretor de 'Parasita' –, e 'O Caçador', de Na Hong-jin, que puseram a Coreia do Sul no mapa do audiovisual. De lá para cá, houve uma consolidação dessa produção, e o Oscar de 'Parasita', acabou por validar tudo isso", avalia. (FERREIRA, 2021)[3]

Muitas séries coreanas apresentadas na plataforma de streaming Netflix fizeram grande sucesso. Entre elas, houve uma série que se chama "Round 6" que ficou em primeiro lugar no mundo entre todas as séries, no dia 12 de outubro de 2021. O jornalista Ferreira (2021) menciona que "O sucesso foi tanto que a gigante do streaming anunciou, na noite da última terça-feira (12), que a produção sul-coreana se tornou seu maior lançamento na história, atraindo 111 milhões de fãs em todo o mundo." Assim, a cultura coreana é apresentada ao mundo atraindo um público, cada vez mais, interessado pelo país, sua cultura e língua.

Já que as motivações estão altamente ligadas com a cultura e sociedade coreana, é importante ensinar a língua coreana em contexto intercultural. Por esta razão, o presente trabalho versa a pesquisa sobre a importância do ensino de língua estrangeira em contexto intercultural, e traz as experiências nas salas de aula de um curso de língua coreana.

Este trabalho pesquisou sobre a interculturalidade no ensino de língua estrangeira iniciando com a definição de identidade, diferença e cultura e suas relações baseando-se nas teorias de Lacan, inclusive com autores que explicam a teoria dele sobre a identidade e diferença, e suas relações com a cultura no livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Em seguida, elabora qual é a definição de cultura e sua relação com a língua através dos comentários de Henry Van Til e

[3] FERREIRA, Alex. 'Round 6', por que a série do NETFLIX faz tanto sucesso. 2021. disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/round-6-entenda-por-que-a-serie-da-netflix-faz-tanto-sucesso-1.2555162 >. acessado em 10/05/2022.

Raymond Williams. O próximo tópico abordado é o conceito da cultura e como este foi transformado desde uma cultura nacional até a interculturalidade através da globalização e do pós-modernismo. Por último e mais importante, o estudo apresenta como é importante ensinar línguas estrangeiras no contexto intercultural baseando-se nos estudos da Profa. Dra. Vera Hanna e, para tanto, apresenta-se o estudo de caso de um curso de língua coreana observado e praticado pela própria autora, visando exemplificar como a interculturalidade pode ser inserida na sala de aula.

# 1. INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

## 1.1. Identidade, diferença, cultura e língua

Quando duas ou mais pessoas se comunicam em uma língua, sempre há presença de cultura, identidade e diferença. O Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva explica a relação entre eles de maneira bem simples e fácil de entender. Para ele, a identidade pode ser definida simplesmente como "aquilo que se é" e, nesse sentido, ele escreveu que "(...) a identidade assim concebida parece ser uma positividade (aquilo que sou), uma característica independente, um "fato" autônomo." (SILVA, 2003, p. 62). Conforme Lacan (1998, pp. 96-97), o ponto da origem da construção do "eu" se daria pelo primeiro encontro de um bebê com o seu reflexo no espelho, ao explorar ludicamente a relação de seus próprios movimentos e objetos que o circundam com os reduplicados pela imagem em sua realidade além do espelho.

> A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação como outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998, p. 97)

Ou, na leitura de Kathryn Woodward quanto à identidade em Lacan:

> (...) o primeiro encontro com o processo de construção de um "eu", por meio da visão do reflexo de um eu corporificado, de um eu que tem fronteiras, prepara, assim, a cena para todas as identificações futuras. O infante chega a algum sentimento do "eu" apenas quando encontra o "eu" refletido por algo fora de si próprio pelo outro: a partir do lugar do outro. Mas ele sente a si mesmo como se o eu, o sentimento do eu, fosse produzido - por uma identidade unificada – a partir de seu próprio interior. (SILVA et al, 2003, p.51)

Woodward dá uma explicação bem simples para entender essa relação entre identidade e diferença. Quando se fala "Eu sou brasileiro" parece que é uma identidade autônoma positivamente descrita. Porém, esta identidade se refere no fato de que eu não sou chinês, nem coreano, nem francês, ou qualquer outra nacionalidade. Em outras palavras, eu não posso me identificar sem a presença de outros que têm diferenças. Daí afirma-se que a identidade é relacional (SILVA, 2003, p. 9). De igual modo, a identidade existe quando há diferença entre eu e outros, e

eles são associados em um sistema de representação dentro do contexto cultural e social. Silva explica essa relação:

> Já sabemos que a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação. A identidade é um significado cultural e socialmente atribuído. A teoria cultural recente expressa essa mesma ideia por meio do conceito de representação. Para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação. (SILVA et al, 2003, p.75)

Para conversar com uma pessoa é importante saber a identidade social dela para que possamos usar uma língua adequada. Depende qual profissão, ou posição social da pessoa, ou até que idade que a pessoa tem pode influenciar a maneira de falar dependendo da sua cultura e sociedade.

> Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são "elementos" da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. (SILVA et al, 2003, p.64)

Assim, podemos concluir que a identidade e diferença de cada um são formadas pela cultura e sociedade, e elas são produzidas através da língua. Cumpre agora, pois, delimitar o que se entende por estas quatro palavras: identidade, diferença, cultura e língua.

## 1.2. Definição de Cultura e sua relação com a Língua

O termo "cultura" vem do latim *colere* e significa tão-somente o lavrar e o cultivar o solo - atividade que hoje é conhecida como "agricultura". Dessa feita, tem-se que "Cultura, assim, é todo e qualquer esforço e trabalho humano feito no cosmos, para descobrir suas riquezas e fazê-las assistirem ao homem para o enriquecimento da existência humana, para a glória de Deus." (VAN TIL, 2010, p. 32). Por outro lado, é importante ter a clareza de que cultura é sempre um empreendimento humano, de modo que uma cidade é resultado de cultura, mas uma colméia, um formigueiro ou mesmo a represa de um castor não o são (VAN TIL, 2010, p. 32-33). Também vale

ressaltar que, "(...) a cultura é um empreendimento social que não é realizado em isolamento, mas por meio da interação e cooperação (...)." (VAN TIL, 2010, p. 35).

Raymond Williams opina que uma cultura tem dois aspectos: os significados e as direções conhecidas, para os quais os seus membros são treinados; as novas observações e significados, que são oferecidos e testados.

> Usamos a palavra cultura nestes dois sentidos: para significar todo um modo de vida - os significados comuns; significar as artes e a aprendizagem - os processos especiais de descoberta e o esforço criativo. Alguns escritores reservam a palavra para um ou outro destes sentidos; insisto em ambos, e no significado da sua conjunção. As perguntas que faço sobre a nossa cultura são perguntas sobre os nossos propósitos gerais e comuns, mas também perguntas sobre significados pessoais profundos. A cultura é comum, em todas as sociedades e em todas as mentes.[4] (WILLIAMS, 2002, P.93, tradução nossa)

Ele explica que estes são os processos comuns das sociedades humanas e das mentes humanas e que vemos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre simultaneamente tradicional e criativa, apresentando simultaneamente os significados mais comuns e os significados individuais.

Desta feita, seja tradicional ou criativa, a cultura é criada pelo ser humano, e essa cultura se manifesta através da comunicação e interação pela língua para ser vivida na sociedade. o Prof. Dr. Terry Eagleton (2011, p. 51) indicou que "é difícil escapar à conclusão de que a palavra 'cultura' é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais", uma vez que, o significado antropológico de 'cultura' aparentemente abrange tudo, ao passo que o significado estético de 'cultura' deixa muita coisa de fora (EAGLETON, 2011, p. 51-52).

### 1.3. A cultura nacional, globalização e pós-modernismo

As tendências de inserir os elementos culturais nos cursos de língua estrangeira surgiram desde os anos 1970; porém, as perspectivas de interpretar que tipo de cultura que ensina na sala de aula tem mudado bastante. No início dos anos 1970, os linguistas se preocupavam em ensinar a cultura nacional da língua-alvo. Entre

[4] No original: "We use the word culture in these two senses: to mean a whole way of life - the common meanings; to mean the arts and learning - the special processes of discovery and creative effort. Some writers reserve the word for one or other of these senses; I insist on both, and on the significance of their conjunction. The questions I ask about our culture are questions about our general and common purposes, yet also questions about deep personal meanings. Culture is ordinary, in every society and in every mind." Nossa tradução.

inúmeras definições de cultura nacional, Stuart Hall (1992, p. 50) traz um aspecto importante a pensar: “Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos em nós mesmos.” Estes sentidos constroem a identidade de cada pessoa que vive nesse país, e traz a diferença da outra nação. Esta nação busca suas glórias do passado, ao mesmo tempo que tenta criar novidades do futuro - tudo isso constrói sua identidade cultural. Assim, a cultura nacional representa as identidades do povo, mostra como eles têm vivido até hoje, como estão representadas atualmente, o que eles buscam para a nação futura.

Porém, uma cultura nacional não é sempre unificada e homogênea. Há divergência das opiniões, diferentes classes sociais que não tem como se identificarem da mesma maneira. Stuart Hall (1992) explica que uma maneira de tentar unificar essa divergência tem sido de insistir que a sua cultura é de “única raça”. Porém, não há um povo que possa dizer que sua população é tão “pura” que não tem outra raça misturada. Por exemplo, muitos coreanos insistem em afirmar que o povo coreano é uma raça única e pura que não foi misturada com nenhum outro povo. Mas a história coreana mostra, claramente, que houve grande mistura com mongolianos, chineses e japoneses, durante guerras e colonizações. ele também menciona que a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Não há uma prova científica que pode explicar um povo como única raça, e isso não justifica homogeneizar a cultura nacional.

Ao contrário da ideia de cultura nacional como única e distinta, desde a antiguidade houve a troca entre culturas, como bem coloca o escritor Ítalo Calvino (1993, p. 11) em seu ensaio sobre os clássicos: “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram.”.

Na era da modernidade, a concepção da cultura nacional tem mudado junto com a palavra “Globalização”. Com desenvolvimento de tecnologia de locomoção e mobilidade, a distância entre as nações ficou cada vez menor, e acabaram acontecendo mais trocas de ideias e culturas.

> Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais? Uma de suas características principais é a “compressão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em determinado

> lugar têm impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a grande distância. (HALL, 1992, p.67)

Considerando estes fatos, a cultura nacional já não pode ser definida como algo distinta e única que diferencia totalmente uns dos outros. Neste mundo global ainda com tecnologia e internet, uma nação influencia outra simultaneamente. A Profa. Dra. Vera Hanna cita tecnologia e globalização da seguinte maneira:

> Tecnologia e globalização influenciam o modo como utilizamos a língua e como os contatos linguísticos, que se interpõem às sociedades pluriculturais, trazem à tona a pertinência de compreendermos a ideia de transnacionalização no âmbito da pedagogia cultural. No interesse do objetivo a ser aqui alcançado, é importante assinalarmos que, sendo a globalização um conceito multidimensional, frequentemente associado ao termo 'aldeia global', buscamos nele o alcance de uma consciência de cultural coletiva, ou seja, o mundo é uma complexa rede de 'aldeias', de comunidades que são interconectadas de inúmeras maneiras simbólicas. (HANNA, 2019, p.17)

Sobre o caráter da mudança na modernidade tardia, Stuart Hall (2006) argumenta da seguinte maneira utilizando-se das explicações de Ernest Laclau:

> As sociedades modernas, argumenta Laclau, não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única "causa" ou "lei". (...) Ela (sociedade) está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças fora de si mesma. (...) As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela "diferença"; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes "posições de sujeito" - isto é, identidades – para indivíduos. (HALL, 2006, p.16-17).

Assim podemos chegar à conclusão que a identidade cultural não se limita em uma nação, ou em uma sociedade, mas estão altamente interligadas.

## 1.4. Interculturalidade no ensino de língua estrangeira

A educação de língua estrangeira envolve romper a fronteira do desconhecido, de forma gradual. O grande precursor da pedagogia, Johann Amos Comenius (2015) trouxe muitas inovações na área de educação, enfatizando educação para todos. Ele achava importante ensinar a língua Latim com várias matérias didáticas, e destacava que os alunos precisavam aprender com a natureza. Ele não deixava o conhecimento

ficar na sala de aula e, nesse sentido, ele é um dos primeiros educadores que se importaram com a prática no relação ensino-aprendizagem. Ele registra de forma crítica a prática de não se atravessar culturas no ensino de língua estrangeira para principiantes em sua época: "quando se dão, aos principiantes da língua latina, regras escritas em latim" (COMÉNIO, 2015, p. 238) - na visão desse autor, a prioridade deveria estar na compreensão do aluno. É interessante notar que se vislumbra já neste autor certa preocupação com a interculturalidade quanto ao trato das regras gramaticais entre idiomas distintos:

> (...) comete-se também um grave erro contra a recta razão quando, com as mesmas regras gramaticais (...) se ensina a juventude de todas as nações (...), uma vez que cada língua tem, com a língua latina, uma relação particular e de certo modo própria, a qual é necessário descobrir, se realmente se quer ensinar os jovens a penetrar rapidamente na índole da língua latina. (COMÉNIO, 2015, p. 239).

Dessa feita, "(...) o conhecimento deveria ser, antes de tudo, entrelaçado, com os saberes encaixados uns nos outros, formando uma teia na qual se transitasse da matéria mais fácil para a mais complexa, em graus crescentes de dificuldade." (BOTTO, 2021, p. 52), de tal forma que, seja o ensino de língua estrangeira ou qualquer outra matéria, o conhecimento seja construído paulatinamente.

Aprender uma língua estrangeira envolve atos de comunicação entre duas ou mais culturas. Não somente a língua falada que traz uma comunicação bem fluida, mas precisa entender a linguagem não verbal, um diálogo complexo que exige uma compreensão cultural em seu contexto. Por isso, uma língua estrangeira não pode ser ensinada somente pela tradução de uma palavra para outra, ou pela competência gramatical, mas precisa ser ensinada no contexto sociocultural. A ideia de Comenius foi concretizada na teoria de linguística aplicada somente depois da teoria de comunicação de Byram:

> Tem sido amplamente reconhecido na profissão de ensino de línguas que os aprendentes precisam não só de conhecimento e habilidade na gramática de uma língua, mas também de capacidade de utilizar a língua de forma social e culturalmente apropriada. Isto foi a grande inovação do 'ensino comunicativo de línguas'.[5] (BYRAM et al, 2002, p. 3, *nossa tradução*).

[5] No original: *"It has been widely recognized in the language teaching profession that learners need not just knowledge and skill in the grammar of a language but also the ability to use the language in socially and culturally appropriate ways. This was the major innovation of 'communicative language teaching'*." Nossa tradução.

Desde o surgimento da importância do ensino comunicativo de línguas, os linguistas começaram a reconhecer que aprender uma língua envolve o estudo de cultura e sociedade da língua-alvo. Em uma conversa simples como um cumprimento pode causar uma confusão ou ofensa sem conhecimento social especialmente quando se aprende uma língua oriental por causa da sua cultura hierárquica. Dependendo com quem o interlocutor comunica, sua forma de cumprimento precisa ser diferente e isso pode ser percebido através de estudo da sociedade. Aprender esse tipo de conhecimento já não é uma aprendizagem simples de uma língua, mas exige uma base cultural e social da língua-alvo.

A maior parte da pedagogia da cultura tem recorrido às humanidades ou às ciências sociais, mas algumas também se baseiam nos desenvolvimentos da linguística. Especialmente a cultura na pedagogia linguística sempre teve uma visão mais holística da aprendizagem de línguas, uma vez que se interessou pelo homem não só como aprendiz de línguas, mas como alguém que também desenvolve outras facetas da característica em ligação com a aprendizagem de línguas - especialmente um maior conhecimento e compreensão do mundo. A Profa. Dra. Vera Hanna explica interculturalidade dessa maneira:

> Língua, cultura e sociedade são interligadas, assim, em um contexto de transnacionalização; a inevitabilidade do viés intercultural nos estudos de línguas abrange novos significados, novos discursos, novas representações sociais, novas identidades, visto que, no momento em que exercemos a prática linguística, nos envolvemos em um espaço em que questões relativas à comunicação-interação são inerentes à prática profissional. que nós, professores de línguas estrangeiras, desempenhamos no processo linguístico e cultural global na esfera da mundialização e da internacionalização de saberes. (HANNA, 2019, p.16).

Este tipo de pedagogia tem estado particularmente interessada em ensinar sobre cultura e condições sociais nos países onde a língua-alvo é falada como a primeira língua e, portanto, com que temas, textos (literários e não literários) e métodos podem ser utilizados no ensino, a fim de desenvolver consciência e competência intercultural.

A Professora Maria Helena de Moura Neves cita a importância da aprendizagem dentro do contexto intercultural em vários escritos dela. No texto “Ensino de língua e vivência de linguagem”, ela menciona que a língua é inteiramente dependente da sociedade e cultura que ela reflete características específicas dessa sociedade. Por isso, o uso da linguagem é absolutamente dependente do contexto. Neste sentido,

ela argumenta que é muito importante ensinar a língua-alvo no contexto social e intercultural (NEVES, 2010, p. 9).

O horizonte em termos de conteúdo e tema tem sido e é muito amplo, com uma gama quase infinita de temas: vida cotidiana em vários países e em vários grupos sociais, subculturas, música e arte, condições educacionais, condições regionais, o ambiente, condições de mercado, economia, política, tecnologia etc. Sobre a base deste potencial de abundância de material, a pedagogia cultural não se preocupou em discutir objetivos relevantes, critérios de seleção, perspectivas e métodos, também em relação a materiais didáticos. Quanto à segunda categoria: a pedagogia da cultura desenhada a partir dos desenvolvimentos dentro da linguística, começou com a abordagem comunicativa nos anos 1970. Esta abordagem da pedagogia da cultura tende a concentrar-se mais instrumentalmente nos conhecimentos práticos que os utilizadores da língua têm de possuir a fim de comunicar eficazmente com a ajuda da língua-alvo. Por esta razão, o conceito de cultura não pode ser tratado como complemento, ou aspecto externo à língua. (RISAGER, 2012, p. 1-2)

A Profa. Dra. Hanna explica em seu livro *Línguas estrangeiras: O ensino em um contexto cultural (2019)*, a teoria da língua como comunicação apresentada pelo Prof. Dr. Dell Hymes, antropólogo, linguista e sociólogo americano. Os estudos dele demonstram que a comunicação deve ser entendida como parte integral da vida social que inclui um discurso verbal e não verbal, o escrito e o oral. Ele esclarece que a competência comunicativa é a habilidade de compartilhar códigos linguísticos como regras socioculturais, normas e valores que necessitam a interpretação no contexto cultural. (HANNA, 2012, p.45, 46)

> O que o professor deve se perguntar não é o que mais de informação sobre um país e suas culturas posso incluir no programa do curso, mas como posso desenvolver essas outras competências que ajudarão os alunos a interagir com sucesso com pessoas de outras culturas e identidades.[6] (BYRAM et al, 2002, p.17, *nossa tradução*).

[6] No original: "*What the teacher should ask is not how much more information about a country and its cultures can I include in the syllabus, but how can I develop those other competences which will help learners to interact successfully with people of other cultures and identities*". Nossa tradução.

Como Byram menciona acima, usar a interculturalidade na sala de aula não é para inserir mais uma informação útil em relação à língua-alvo, mas é a parte da habilidade essencial que precisa ter para poder se comunicar com outros em língua-alvo.

Também é importante ensinar a convivência em um ambiente com diversidade cultural aprendendo como compreender uma nova cultura sem ter preconceito ou uma forma hierárquica. Na introdução do livro *Developing the intercultural dimension in language teaching,* Byram (2002) apresenta os objetivos do ensino de línguas em dimensão intercultural: para ajudar os estudantes de línguas a interagir com falantes de outras línguas em igualdade, e estar conscientes das suas próprias identidades e dos seus interlocutores. Dessa forma, os estudantes de línguas se tornam 'falantes interculturais' sendo bem-sucedidos não só na comunicação de informação, mas também no desenvolvimento de uma relação humana com pessoas de outras línguas e culturas. (BYRAM et al, 2002, p.5).

A cultura e a identidade são as bases da nossa comunicação. Não há uma interação abrangente sem cultura e identidade. Não há uma cultura única e estanque; vivemos em um mundo intercultural.

Considerando-se todas as teorias estudadas até este ponto, é possível se postular que toda interação humana é intercultural. A cultura brasileira não é uma só, pois cada indivíduo pode ter seu costume, valor, e sua criatividade ao expressar a sua cultura. Se dentro de uma cultura existe a interculturalidade, então a interação em uma língua estrangeira entre alunos de origens diferentes é genuinamente intercultural.

# 2. ESTUDO DE CASO

## 2.1. Introdução sobre a escola coreana

A nossa escola de língua coreana pertence à Igreja Presbiteriana Água Viva e encontra-se localizada no bairro Perdizes, no município de São Paulo. A escola se chama “Aliança Coreana” e foi fundada em 2011, sendo oficialmente registrada como escola de língua coreana pelo Consulado Coreano de São Paulo em 2013. A escola é mantida pelo recurso da OKF (THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATION), uma fundação que dá suporte para a comunidade da diáspora coreana. O espaço da escola é no segundo subsolo do prédio da Igreja Presbiteriana Água Viva, onde funciona a escola infantil durante a semana. Há duas salas de aula, uma sala de brinquedo, playground, e um salão de dança onde ocorrem aulas de atividades físicas. Atualmente, há duas turmas de crianças entre 5 e 12 anos, tendo aulas presenciais das 14h30 às 17h aos sábados, e cinco turmas de adultos e adolescentes, tendo aulas on-line, uma vez por semana, com duração de uma hora e trinta minutos. As crianças vêm de diversas culturas como descendentes de japoneses, coreanos, bolivianos e brasileiros. Desde março de 2020, início da pandemia de Covid-19 no Brasil, nossa escola passou por várias mudanças e adaptações, e hoje estamos bem estabelecidos em relação à captação de alunos, tanto turmas de crianças quanto de adultos.

Figura 1: Corredor da Escola Aliança Coreana



Fonte: acervo da autora (2018)

Figura 2: Playground da escola



Fonte: acervo da autora (2018)

## 2.2. Dois tipos de interculturalidade na prática no ensino de língua estrangeira

Como a interculturalidade no ensino de língua estrangeira é essencial de acordo com estudos citados acima, é importante aplicá-la na sala de aula.

Os dois aspectos da cultura que Raymond Williams mencionou, tradicional e criativa (WILLIAMS, 2002, p. 93), precisam ser ensinados na sala de aula com a mesma importância. Assim, podemos planejar as aulas com interculturalidade em duas maneiras: uma parte que ensina um modo de vida como costumes, valores, ou atitudes, e outra parte que ensina artes criativas como esportes, artesanatos ou músicas.

### 2.2.1. Ensinar a cultura tradicional

O primeiro passo é conhecer os objetivos das aulas dadas no contexto intercultural. Para poder inserir a interculturalidade, que se refere aos valores, atitudes, ou etiquetas na sala de aula, Barry Tomalin e Susan Stempleski adaptaram e atualizaram sete objetivos de orientação cultural que Ned Seelye escreveu no seu livro *Teaching Culture* (TOMALIN et al, 1993, p.8):

> 1) Ajudar os estudantes a compreender o fato de que todas as pessoas mostram comportamentos culturalmente condicionados.

> 2) Ajudar os estudantes a desenvolver uma compreensão de que variáveis sociais tais como idade, sexo, classe social, e local de residência influenciam as formas como as pessoas falam e se comportam.
>
> 3) Ajudar os estudantes a tornarem-se mais conscientes do comportamento convencional em situações comuns na cultura-alvo.
>
> 4) Ajudar os estudantes a aumentar a sua consciência das conotações culturais das palavras e frases na língua-alvo.
>
> 5) Ajudar os estudantes a desenvolver a capacidade de avaliar e refinar generalizações sobre a cultura alvo, em termos de evidências que suportem essa percepção.
>
> 6) Ajudar os estudantes a desenvolver as competências necessárias para localizar e organizar a informação sobre a cultura alvo.
>
> 7) Estimular a curiosidade intelectual dos estudantes sobre a cultura alvo, e encorajar a empatia para com o seu povo. (TOMALIN et al, 1993, p.8, *nossa tradução*)[7]

Caso não aprendam bem como se cumprimentar, no primeiro encontro entre um brasileiro e um coreano, podem acontecer mal-entendidos por serem os costumes brasileiros e coreanos extremamente diferentes. Na primeira aula do curso de coreano para iniciantes, ensinamos como falar “Olá” em coreano, mas não somente a fala, ensinamos também como fazer o primeiro contato físico. Começamos este assunto trazendo uma experiência pessoal da professora no primeiro encontro com um brasileiro. Como os coreanos se cumprimentam com quase um metro de distância, só abaixando um pouco de cabeça, o cumprimento de abraçar e beijar é um choque cultural extremo. A professora explicou que, por mais diferentes que sejam nossas culturas, com o tempo os imigrantes acabam se acostumando com a nova cultura. Um exemplo que a professora trouxe foi baseado na sua própria experiência, relatando que ela adotou os cumprimentos brasileiros e os utilizam até mesmo entre os coreanos. A partir do compartilhamento da experiência da professora, já se quebrou o sentimento de choque cultural dos alunos. Assim cumprimos o objetivo de “ajudar os estudantes a tornarem-se mais conscientes do comportamento convencional em situações comuns na cultura-alvo”.

[7] No original: 1) To help students to develop an understanding of the fact that all people exhibit culturally-conditioned behaviors.
2) To help students to develop an understanding that social variables such as age, sex, social class, and place of residence influence the ways in which people speak and behave.
3) To help students to become more aware of conventional behavior in common situations in the target culture.
4) To help students to increase their awareness of the cultural connotations of words and phrases in the target language.
5) To help students to develop the ability to evaluate and refine generalizations about the target culture, in terms of supporting evidence.
6) To help students to develop the necessary skills to locate and organize information about the target culture.
7) To stimulate students´ intellectual curiosity about the target culture, and to encourage empathy towards its people. Na nossa tradução.

Eles aprenderam como cumprimentar dependendo de qual relação social ou idade. Pode parecer que a língua coreana é complicada porque existem frases diferentes são usadas dependendo da idade ou relação social do interlocutor, porém, ensinamos que há lado mais simples também como a inexistência de artigos e flexibilização de gênero. Outro exemplo, na língua coreana, é a falta de diferenciação nos cumprimentos como “Bom dia”, “Boa tarde” ou “Boa noite”. O comprimento usual é sempre o mesmo independente do horário do dia. Assim os alunos aprenderam que existem diferenças entre as duas culturas, mas não existe uma cultura mais fácil do que outra, e eles ficaram curiosos em conhecer mais sobre a nova cultura.

Uma característica bem distinta da língua coreana, em comparação às demais línguas, é que dependendo da diferença de idade ou relação social, a fala precisa ser mais ou menos formal. Por exemplo, a diferença de idade ou relação social implica na utilização de títulos antes ou depois de chamar a pessoa pelo nome. É um desafio ensinar este tipo de hierarquia social para os alunos, especialmente para alunos que moram num país ocidental que não tem esta rigidez cultural. Por outro lado, muitos professores ignoram as diferentes formas de falar durante o ensino de língua estrangeira para simplificar a língua. Quando aprendemos português, uma professora ensinou somente as conjugações de “você” em vez de “senhor” ou “senhora”. Quando percebemos que esta diferença pode ser considerada como falta de respeito, já havia passado muito tempo.

Para evitar este tipo de erro, ensinamos desde o início que existem diferentes formas de falar, que precisamos aprender como chamar alguém adequadamente em Coreano a depender da pessoa com quem você está se comunicando. Por exemplo, ensinamos que na cultura coreana, uma pessoa um ano mais velha do que você, não pode ser chamado de “amigo”. Precisa chamar o(a) interlocutor como “언니” (eónni), ou “오빠” (O-ppa) se o locutor for uma mulher, e “형” (Hyeong), ou “누나” (Nuná) se o locutor for um homem que literalmente significa “irmã mais velha” ou “irmão mais velho”, porém, essas palavras são usadas para pessoas próximas. Por isso, em uma das aulas para iniciantes, explicamos essas regras e lemos uma conversa de um livro didático adotado pelo curso (KIM, 2020, p.78).

A conversa lida foi a seguinte: A: 누구예요? 친구예요? (Quem é ele? Ele é um amigo?")

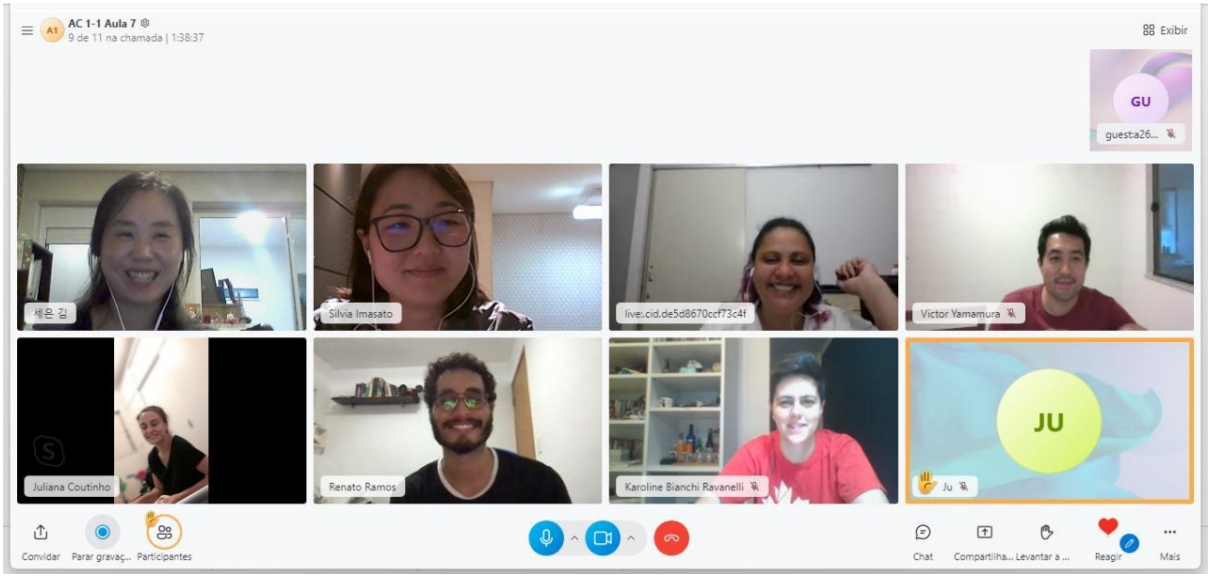
B: 아니에요, 친구가 아니에요. 형이에요. (Não, ele não é um amigo. Ele é o "형"Hyung-irmão mais velho)

Lendo essa conversa, os alunos ficaram espantados. Eles questionavam como as pessoas que têm mais idade não podem ser seus amigos. Explicamos que é possível ter amizade, porém, não se pode chamar de "amigo". A hierarquia coreana é aplicada de acordo com a idade ou posição social, por isso é difícil se dizer "amigo" quando se trata de pessoas com idades diferentes ou posições sociais diferentes. Durante esta aula, comparamos esta cultura coreana com a cultura brasileira. Uma coisa que os coreanos admiram na cultura brasileira é que você pode ter amigos em qualquer idade. Compartilhamos como é rica essa cultura e como ela amplia nossa relação social. Assim, o contato dos alunos com a língua proporcionou um aprendizado pautado pela curiosidade sobre nova cultura e empatia com o povo coreano, ao mesmo tempo em que viram o lado positivo da sua própria cultura aos olhos do povo coreano.

Quando ensinamos os costumes e atitudes da língua-alvo, ensinamos que a linguagem verbal também é muito importante a aprender. Na cultura coreana, a percepção sobre o contato visual é muito diferente da cultura ocidental. Na cultura coreana, quando fica olhando nos olhos do outro, pode significar que está querendo responder, e discutir. Quando admite seus erros e se arrepende, seu olhar precisa direcionar para baixo. Esse pequeno gesto de contato visual pode provocar um mal-entendido, por isso, a linguagem não verbal precisa ser ensinada na sala de aula.

Desde a pandemia, a nossa escola tem feito o curso para adolescentes e adultos de forma on-line, o que facilitou aos alunos de outras regiões terem acesso ao curso também e, assim, enriquecem as experiências culturais. Os alunos não se limitam a ver uma sociedade única, mas podem observar que mesmo dentro do Brasil, existem diferenças em relação ao sotaque, costume e cultura. Desta forma, os alunos trocam suas experiências em relação à sua cultura e à cultura coreana.

Figura 3: Aula on-line de curso de coreano para adultos e adolescentes




Fonte: acervo da autora (2022)

Como a maioria dos alunos mora no Brasil, não há muito contato com os coreanos que realmente falam a Língua Coreana. Porém, muitos alunos assistem novela coreana, gostam de ouvir músicas coreanas, além de observarem os costumes, atitudes e valores através da mídia. Uma maneira de ensinar a cultura é usar o material autêntico. A Profa. Dra. Vera Hanna explica a importância de uso de material autêntico:

> Desde menus até rótulos de produtos, propagandas, jornais, revistas, artigos, livros, músicas, filmes, programas de televisão, produtos culturais diversos, dão aos aprendizes ensejo de observar sociais num ambiente, costumes, comportamentos, interações dos povos da língua-alvo, oferecendo-lhes oportunidade de inferir e comparar valores e atitudes. Outras dezenas de itens poderiam ser, ainda, acrescentadas que, igualmente, ofereceriam aos alunos a chance de interpretar as mais diversas situações sociais num ambiente cultural díspar. (HANNA, 2012, P.59-60)

Uma aula prática que fizemos durante o curso de coreano, foi estudar o cardápio de um restaurante coreano, aprender as etiquetas na mesa, e nos encontramos num restaurante coreano para praticar a aula. Os alunos aprenderam como falar “Estou com fome”, “Estou satisfeito”, e “Bom apetite”, “Está delicioso” ou “Não está gostoso”, bem como os nomes dos pratos coreanos. Outro ponto cultural trabalhado foi a etiqueta à mesa, como: não levantar os talheres ou comer antes dos mais velhos levantarem seus talheres; quando entregar pratos ou dar alguma coisa, receber ou

dar com as duas mãos para a pessoa mais velha, bem como os costumes coreanos de compartilhar pratos ou sopas.

Sobre essas aulas, uma aluna da nossa turma comentou seguinte:

> Aprendi vários fatores sobre a cultura coreana durante a aula. Muito diferente da cultura ocidental, a cultura coreana é cheia de ricos detalhes que não nos são apresentados no dia a dia - uma vez que temos mais contato com a sociedade norte-americana e europeia - e que são muito interessantes, como o uso de determinadas expressões verbais de acordo com a hierarquia dentro da família, a postura à mesa, os cuidados com determinados gestos (como entregar um presente ou mesmo o troco do mercado, sempre com as duas mãos, em forma de respeito e gratidão), ou ainda ao realizar a refeição com pessoas de diferentes idades e ter o cuidado de mostrar respeito com a posição hierárquica dessas pessoas na sociedade, visto que os mais velhos são muito respeitados pela sociedade coreana e isso está presente a todo momento em sua cultura. Sem falar do senso de coletividade que está presente não só nas expressões verbais, mas nas ações cotidianas. (Aluna Karoline)

Figura 4: Aula prática no restaurante coreano



Fonte: acervo da autora (2022)

Os materiais autênticos podem ser usados para ensinar não somente a cultura, mas também a leitura, a ortografia, até a parte gramatical. A Profa. Dra. Vera Hanna menciona o seguinte:

> Acrescente-se que exposição ao material autêntico e o contato com a língua-alvo que ele propicia levam ao desenvolvimento da competência léxico-gramatical e, simultaneamente, da competência sociolinguística, pois aspectos sociais e culturais ficam evidenciados. (HANNA, 2012, P. 60)

Como a nossa turma é para iniciantes, os alunos começaram o curso com a alfabetização. Para incentivar a leitura em coreano aos alunos, preparamos cartazes de séries coreanas que os alunos gostam de assistir. Eles acharam muito interessante como as palavras em inglês são transcritas em coreano. Durante a semana, os alunos achavam as letras coreanas em embalagens dos aparelhos eletrônicos ou quaisquer programas de televisão em coreano, e tentavam ler as palavras e compartilhar com os colegas. Assim eles aprenderam ortografia coreana por meio dos materiais autênticos.

Quando os alunos chegaram a aprender sobre família e parentes, eles sentiram bastante dificuldade, pois os nomes dos graus de parentesco em coreano são bem mais complexos do que em português. Por exemplo, tios ou tias chamam de formas diferentes dependendo qual lado dos pais eles são. Para os alunos se sentirem mais familiarizados com esses termos novos, apresentamos árvores genealógicas de uma série coreana para mostrar as relações familiares. Assim os alunos se aproximaram mais com os conteúdos e, afinal, eles mesmos apresentaram sua família em coreano.

Figura 5: Material autêntico utilizando uma série coreana




Fonte: Material de aula - acervo da autora (2022).

Sobre o uso de materiais autênticos e experiências de aulas práticas, uma aluna da nossa turma comentou o seguinte:

> Visitar um supermercado coreano agregou ainda mais nas discussões sobre aspectos culturais (como a entrega das notas fiscais e recibos com as pelos atendentes aos clientes usando as duas mãos em forma de respeito) e gastronômico, possibilitando que levássemos para casa alguns lanchinhos típicos coreanos rendendo mais conversas no grupo lendo e traduzindo embalagens.
>
> A exposição é um fator muito importante na aquisição de uma nova língua e essa inclusão cultural faz com que nos aproximemos muito mais dela. (Aluna Juliana)

Tendo em vista que não há uma aula que não envolve assuntos culturais como comportamentos, gestos físicos, e a linguagem formal ou informal, é válido lembrar que os aspectos culturais dos professores influenciam diretamente os alunos. Por isso é importante ter em mente os objetivos da aula no contexto intercultural sempre tendo sensibilidade para não criticar ou estereotipar outras culturas.

### 2.2.2. Ensinar a cultura criativa

Além do aspecto cultural como tradição, a cultura criativa é o outro aspecto da natureza da cultura, e esse aspecto pode ser aplicado na sala de aula através das atividades criativas de maneira lúdica e dinâmica. A nossa escola adotou vários tipos de atividades para que os alunos possam se envolver ativamente, experimentando a interculturalidade e, ao mesmo tempo, respeitando a autonomia de cada um.

## 2.3 Atividade física

Uma maneira lúdica para ensinar a cultura criativa é através de atividades físicas. Especialmente, aulas para crianças precisam ser dinâmicas para motivar os alunos a aprender a nova língua. Duas atividades que fizemos para as aulas das crianças foram Taekwondo e canções coreanas com coreografia. Como Taekwondo é uma arte marcial coreana, através de sua prática é possível abordar vários aspectos culturais. Ensinamos desde a postura de como tratar o mestre, bem como cumprimentar, ensinando que Taekwondo não é para lutar contra alguém, mas para defender seu corpo. Ensinamos todas as partes do corpo em coreano, e ensinamos como contar de um a dez. No final do ano, fizemos uma apresentação para os pais,

e foram dados certificados para os alunos com a mudança de faixa. Os alunos aprenderam a língua coreana no contexto social e cultural, de uma maneira bem dinâmica através dessas atividades.

Figura 6: Aula de Taekwondo

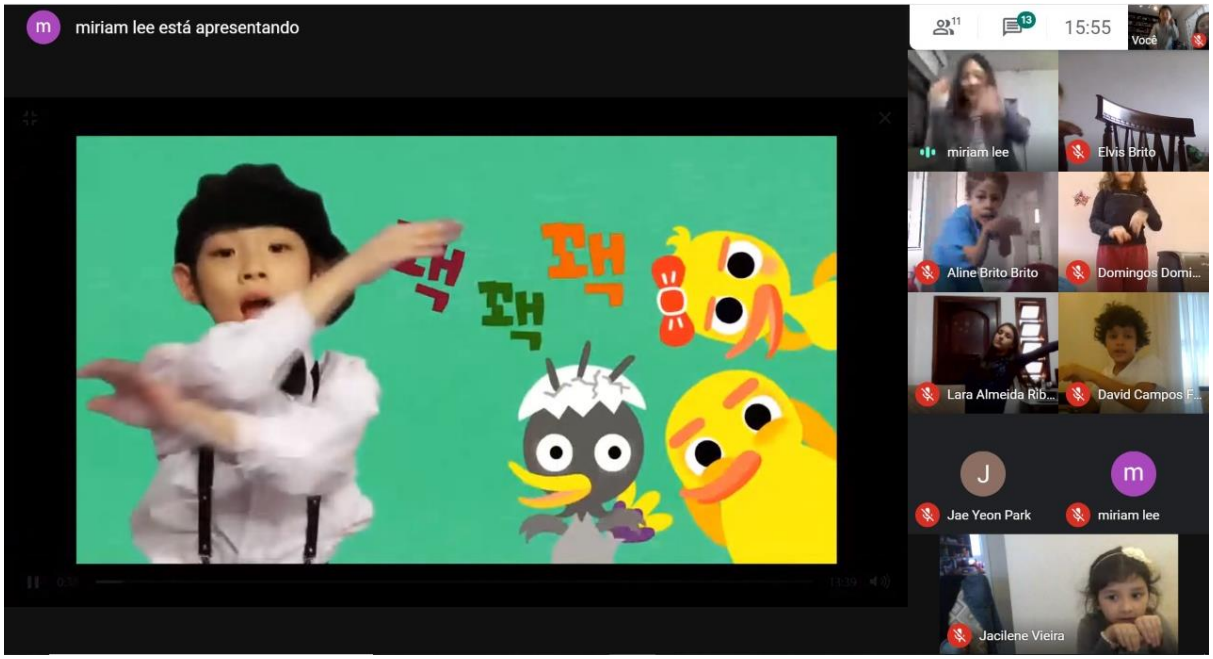


Fonte: acervo da autora (2019)

Durante a pandemia, sentimos as limitações de ensinar Taekwondo pela aula on-line, então adaptamos para ensinar as músicas infantis com coreografia. Fizemos alongamentos antes de começar, cada um contando de um a dez em coreano para cada posição e, assim, aprendemos algumas músicas junto com gestos. Durante a pandemia, os alunos faziam muitas aulas on-line da escola somente sentados na cadeira, então foi um momento em que eles tiveram a oportunidade de movimentaram o corpo, aprendendo a língua coreana de maneira mais lúdica.

Uma vez que os alunos aprenderam a música sobre os animais e as onomatopéias correspondentes aos sons de animais, nós comparamos os sons elaborados em português e em coreano, de modo a gerar a percepção de que alguns sons dos animais são parecidos e alguns são bem diferentes. Os alunos acharam muito interessante a percepção dos sons que cada falante da língua tem, e mostraram maior curiosidade sobre este assunto, de modo a ocorrer naturalmente uma aprendizagem intercultural na sala de aula.

Figura 7: Aula on-line aprendendo música sobre animais




Fonte: acervo da autora (2021)

## 2.4 Atividade de artesanatos

Além das atividades físicas, as atividades de artesanato trazem uma interação ativa dos alunos e estimulam o interesse pela cultura nova. Atividade de dobradura de papel (também conhecido no Brasil pelo nome japonês *origami*) é uma das atividades bem comuns que as crianças da Coreia do Sul fazem, pois aplicamos esta atividade na sala de aula. Como os papéis são coloridos, foram usados para ensinar as cores no início, e conforme as dobraduras dos papéis avançavam, ensinamos as diversas formas em coreano. Esta atividade sempre ocorria depois da aula de vocabulário, de modo que os alunos dobravam um dos objetos que aprenderam no dia. Por exemplo, os alunos aprenderam sobre animais e dobramos porco, cachorro, gato, coelho etc. Toda vez que se fazia a dobradura de papel de um desses animais, os alunos acabavam associando com a nova palavra que haviam aprendido. Ultimamente aprenderam as frutas e legumes, e aprendemos a dobrar maçã, banana, melancia, pepino e cenoura. Assim os alunos aprendem novas palavras de maneira mais lúdica. Durante a pandemia, fizemos outros tipos de atividade de artesanato, como montar cordinhas de máscara, de modo a aprender e fixar as novas palavras como “máscara”, “corda”, “corda de máscara”, etc.

Figura 8: Cordas de máscara feitas por alunos



Fonte: acervo da autora (2020)

Figura 9: Dobradura de papel aprendendo legumes em coreano



Fonte: acervo da autora (2022)

## 2.5 Aula de música

As escolas na Coreia do Sul do Sul, mesmo que sejam públicas, enfatizam bastante o ensino de música desde a infância. Elas ensinam a teoria da música e alguns instrumentos básicos. Um dos instrumentos típicos que as crianças aprendem é a flauta doce. Como ensinar a música na escola é uma característica cultural da Coreia do Sul do Sul, fizemos uma tentativa de ensinar a teoria musical e a flauta doce.

A maioria dos alunos nunca teve contato com um instrumento musical e nem com teoria musical. Eles aprendem desde teoria básica até a leitura de partitura, para que possam tocar a flauta doce lendo a partitura. Quando começou a pandemia, não foi fácil continuar a aula dinâmica, mas tentamos ensinar as teorias básicas, e enviar os vídeos para aprender, e os alunos gravaram vídeos tocando as flautas. No final do semestre, conseguimos tocar uma música de Natal e gravamos um vídeo coletivo. Eles aprenderam as letras das músicas em coreano também, e alguns cantaram e alguns tocaram flauta doces. Assim, eles apreciaram a cultura coreana e tiveram chance de ter contato com a música.

Figura 10: Aula de flauta doce antes da pandemia



Fonte: acervo da autora (2019)

O curso de instrumentos de percussão também pode ser utilizado para ensinar a língua coreana no contexto intercultural. Há vários tambores coreanos que representam a música folclórica que envolve dança, canta e performances. As pessoas que gostam de cultura oriental gostam de aprender as tradições e querem aprender música mais tradicional da Coreia do Sul do Sul. Abrimos um curso de tambor durante a pandemia, e os alunos que têm interesse em cultura coreana e sua língua vieram para aprender. Alguns já tocavam os tambores brasileiros, e comparavam as técnicas de tocar ou ritmos parecidos e diferentes. Eles aprenderam que mesmo entre os tambores, existem hierarquias que sempre tem um líder, e segundo, e terceiro e assim por diante. Eles aprenderam como cumprimentar antes e depois da performance, e aprenderam a ler partitura tradicional para poder tocar o tambor. No final deste semestre, vamos preparar uma pequena apresentação para mostrar tudo que aprendemos.

Uma aluna deste curso, Bruna Tiemi Ogawa, 29 anos, tradutora, aluna do USP de curso de Letras comentou sobre o curso:

> Comecei as aulas de janggu com muito interesse e curiosidade, mas tive surpresas ainda mais agradáveis ao longo do curso. Durante as aulas, aprendemos diversos termos musicais específicos do instrumento em coreano, assim como cumprimentos básicos. Eu e alguns outros alunos tínhamos um conhecimento básico do idioma e a experiência como um todo permitiu que estivéssemos em um espaço geralmente ocupado só por coreanos nativos, sendo muito enriquecedora, mesmo com dificuldades de comunicação. Acredito que escutar e observar as conversas e interações de nativos, mesmo que a compreensão não seja plena, contribui de certa forma para a compreensão da língua (no uso de fato) e da cultura.
>
> Como praticante de outro tipo de percussão, imaginava que não seria fácil atingir certo nível no instrumento, mas o tambor coreano me pareceu exigir ainda mais destreza e precisão e não só ritmo e preparo físico. As aulas se mostraram bem práticas e havia uma ênfase na repetição, na prática, até que o corpo absorvesse o ritmo. O ritmo e a respiração foram pontos que não imaginava (inocentemente) que seriam tão diferentes da prática de outros tambores.
>
> Outro ponto interessante foi a diferença no modo de ensinar, nos treinos. Na minha percepção, alguns alunos brasileiros (ao praticarem esportes, aprenderem instrumentos etc.) esperam ou exigem explicações sobre os motivos de um certo método, certo exercício. Em outras palavras, é preciso que o professor explique toda a teoria (mesmo que de forma simplista) para justificar uma prática. E de certa forma, isso nem sempre faz sentido. Enquanto o aluno não atinge certo nível, ou não sente na prática, no corpo, algum avanço, a teoria não o ajuda. Isso foi algo que senti nas aulas de janggu. Mesmo aprendendo a teoria básica, a ênfase parecia estar no errar, repetir,

> sentir e melhorar. Não digo que esse é o “método definitivo de ensino coreano” e não acho que podemos caracterizar ou generalizar um povo e sua cultura a partir disso, dizendo que todos os coreanos são pacientes, persistentes e obedientes. Mas de certa forma, ter contato com um novo tipo de relação entre tocador-tambor e tocador-prática me deu a oportunidade de entrar em contato com um aspecto da cultura. Posso dizer o mesmo do tal ritmo e respiração do janggu.
>
> Não afirmarei que esse é o “ritmo coreano”, fazendo generalizações de que esse também seria o ritmo da fala ou da música coreana como um todo. Mas sinto que tentar incorporar esse ritmo (como uma respiração que se torna automática, natural) me conecta de uma forma mais profunda com a música e com a cultura coreana.

Outra aluna, a Giovana, estudante do curso de coreano e tambor colocou os comentários sobre aulas de tambor em relação à língua coreana:

> As aulas de tambor foram muito divertidas para mim, ao mesmo tempo em que estamos lá para aprender a tocar, aprendi junto aos meus outros colegas muitas outras coisas sobre a própria cultura, história e idioma coreana.
>
> As aulas me mostraram muito sobre a cultura coreana, sua história, tudo se baseando em uma questão de respeito entre a professora, os alunos e o instrumento. As aulas me mostraram como a cultura coreana tem uma identidade única. Assim como o tambor e outros instrumentos, a música em si faz parte do que é a cultura coreana, sendo então um reflexo da história e educação da mesma.
>
> Além de ser introduzido o idioma coreano nas aulas, há também a questão de que nas aulas de tambor aprendemos as hierarquias entre instrumentos, o respeito entre os instrumentos, desta forma aprendi os graus de formalidade e informalidade dentro da língua coreana, percebi que mesmo que estando nas aulas para aprender a tocar, absorvi muito mais do que isso, absorvi sobre a cultura e o idioma. Aprendi sobre o respeito e muitas outras coisas, percebi também que não tem como aprender uma língua sem entender a cultura do país, porque aprender sobre a cultura de um país é a base para entender o que é e como se faz aquele idioma. Então nas aulas de tambor consegui entender de onde vem a língua coreana e como ela funciona, compreendi durante as aulas desde questões básicas até mais complexas sobre a aspectos que abrangem o idioma coreano, me proporcionando um maior domínio sobre a língua.

Observou-se que o curso de tambor coreano é um canal para os alunos terem interesses em cultura coreana, sendo motivados para aprender mais coreanos para poder entender todas as teorias e ritmos.

Figura 11: Aula de tambor coreano

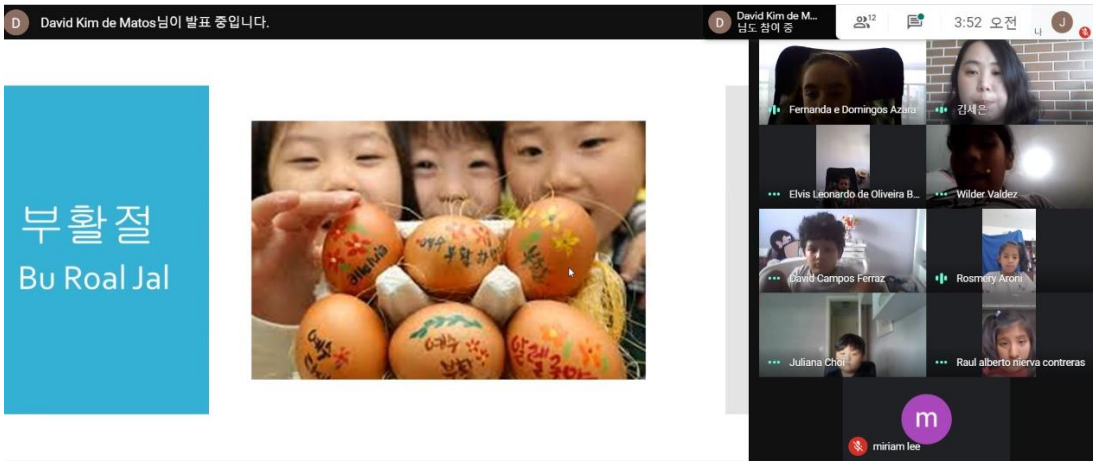


Fonte: acervo da autora (2022)

## 2.6 Dias comemorativos

Além das aulas regulares, fizemos atividades especiais para comemorar alguns feriados coreanos. Há alguns dias comemorativos que ensinamos durante a aula como Dia dos Pais, Páscoa, Ano Novo Lunar, etc. Quando ensinamos essas datas comemorativas, sempre observamos a similaridade e diferença entre a cultura coreana e as culturas dos alunos. Quando chegou a Páscoa no ano passado, conversamos como as pessoas na Coreia do Sul do Sul comemoram. Na verdade, a Páscoa não é um feriado nacional Coreia do Sulpor lá, mas somente os cristãos que comemoram nas igrejas, que é uma diferença que já achamos da cultura ocidental, particularmente da brasileira. Outra diferença é a lembrança da Páscoa, que no Brasil são ovos de chocolate, enquanto na Coréia geralmente são ovos cozidos. As igrejas dão ovos cozidos decorados, ou fazem atividades com as crianças para decorar os ovos cozidos, e lá não existe o costume de dar ovos de chocolate. Foi mais um conhecimento cultural que os alunos adquiriram que os ajuda a entender mais sobre a língua-alvo no contexto intercultural.

Figura 12: Aprendendo Páscoa da Coreia do Sul




Fonte: acervo da autora (2021)

Outra data comemorativa que aprendemos durante o ano é o Dia dos Pais. Na Coreia do Sul do Sul, não existe Dia das Mães e Dia dos Pais separadamente, mas se comemora no mesmo dia que é o dia 8 de maio. Como é próximo do Dia das Mães do Brasil, ensinamos sobre o Dia dos Pais da Coreia do Sul, ensinando que os coreanos presenteiam os pais com flores de cravo. Na atividade de dobradura de papel, dobramos flores de cravo para dar de presente para as mães.

Chegando o dia de Ações de Graças americanas (Thanksgiving day), aprendemos sobre o dia de ações de graça da Coreia do Sul que se chama “Chuseok”. Chegando nesse dia, todo ano fizemos o evento cultural coreano convidando os pais, os membros da igreja, e os amigos para conhecer a nossa cultura. Apresentamos os jogos tradicionais que faziam nessa época, as comidas, as roupas tradicionais, artesanais tradicionais etc. Não é uma exibição parada para olhar, mas é um momento de participação em imersão cultural que os alunos e os convidados experimentaram um dia comemorativo da Coreia do Sul no meio da cultura brasileira.

Um dos eventos que os alunos gostam mais da nossa escola é a “Feira da Aliança Coreana”. Durante o semestre, os alunos recebem a cada tarefa de casa entregue e a cada presença uma ficha feita à semelhança das notas de dinheiro coreano. Tais fichas podem ser utilizadas na feira da escola para “comprar” itens de papelaria e salgados coreanos. Assim, aumenta a motivação dos alunos para participarem da aula, e estudarem mais o idioma coreano em casa. Para poder fazer compras na feira,

os alunos aprenderam frases da feira em coreano, como por exemplo perguntar “Quanto custa”, ou “Dê-me um desconto, por favor.”, e os números para poder falar os valores em coreano. No final do semestre, abrimos a feira preparada com os diversos materiais escolares coreanos, salgadinhos e doces coreanos para os alunos comprarem. Eles falavam em coreano para poder perguntar os valores, negociar, e fazer o “pagamento”. Foram os momentos que eles mais esperavam durante o semestre todo, que eles possam ter autonomia de escolher os produtos, negociar como os adultos fazem na feira, e tudo isso eles conseguiram fazer em nova língua.

Figura 13: Feira da Aliança Coreana



Fonte: acervo da autora (2021)

## 2.7 Eventos culturais pela associação coreana

No Brasil, há 27 escolas coreanas registradas pela Fundação OKF (THE OVERSEAS KOREANS FOUNDATION) e todas estão ligadas à “Associação das Escolas Coreanas do Brasil”. A nossa escola faz parte desta associação, participando das reuniões regulares e dos eventos. Ao longo dos cronogramas escolares, várias programações e eventos culturais são preparados juntamente com as escolas que pertencem a esta associação, compartilhando as diversas culturas que foram criadas

por cada escola. Um dos eventos que os alunos mais participam é o acampamento histórico-cultural. Todo ano, a associação prepara este acampamento convidando todos os alunos das escolas para irem a um local de retiro, aprendendo sobre um tema histórico e cultural por dois dias. Desde o início da pandemia, não puemos ir para esse acampamento, mas as atividades continuaram de forma online.

No ano passado, o tema foi sobre a imigração dos coreanos para o Brasil, relacionando o tema trabalhado à história de cada família e a identidade de cada aluno. Contamos desde a primeira imigração dos coreanos, e até sobre os descendentes que moram aqui atualmente. Com este tema, os alunos podiam criar a árvore genealógica da sua linhagem familiar, fazer um jornal da família, ou criar um uma obra de artesanato sobre imigração. Os alunos tiveram chance de refletir como cada família chegou a morar aqui no Brasil, pensando em sua identidade. Tentamos ensinar como é bom ter a diversidade cultural que traz uma riqueza de conhecimento na nossa vida, tendo família de origem de outro país, conhecendo cultura brasileira, e experimentando a interculturalidade.

Este ano, o tema foi sobre a origem das letras coreanas, aprendendo quando e quem as criou, e como foram criadas. Aprendemos que foi o Rei Sejong de Dinastia Joseon que criou as letras coreanas, em 1443, para que todo o povo tivesse acesso à leitura, em vez de somente alguns privilegiados que aprendiam as letras complexas. Participamos do concurso de obras de arte utilizando letras coreanas. Um aluno da turma de adulto da nossa escola fez um desenho gráfico que ganhou o prêmio neste evento. Ele desenhou o Rei Sejong no centro colocando todos os elementos culturais coreanos ao redor dele, resultando em uma linda obra de arte com a combinação de letras coreanas.

Figura 14: Ilustração feita pelo aluno Gabriel



Fonte: Gabriel Marco de Souza Lisboa (2021)

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisando a relação entre a língua, cultura, identidade e diferença, nota-se que a identidade existe quando há diferença, e elas são formadas pela cultura, sendo expressas através da língua. A cultura tem aspecto de tradição, ao mesmo tempo, ela é criativa e nenhum dos dois aspectos podem ser descartados na sua definição. Em termos de ensino de língua estrangeira no contexto cultural, não se pode limitar à cultura nacional, pois a globalização trouxe um novo aspecto sobre ela, e a distância entre outras culturas se tornou cada vez mais curta. Neste sentido, a língua estrangeira deve ser ensinada no contexto intercultural, relacionando sua cultura com a nova cultura, pois ambas são interligadas.

Vivenciando o mundo global, a nova geração sofre buscando nova identidade. Especialmente as crianças que nascem em um país diferente da origem dos seus pais, acabam enfrentando conflitos culturais entre o país onde eles moram, e o país onde os seus pais nasceram. Kathryn Woodward menciona como a imigração afeta a identidade no mundo global. (SILVA, 2003, p.14,15)

> A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente a comunidade e a à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (...) A migração dos trabalhadores não é, obviamente, nova, mas a globalização está estreitamente associada à aceleração da migração. (...) A migração tem impactos tanto sobre o país de origem quanto sobre o país de destino. Por exemplo, como resultado do processo de imigração, muitas cidades europeias apresentam exemplos de comunidades e culturas diversificadas. (...) A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades.

Para que estes alunos possam ter uma identidade cultural saudável, é muito importante o papel da escola. A escola precisa inserir a interculturalidade na sala de aula sem preconceito e sem desigualdade, implicando a noção de *descentramento cultural*. (HALL, 2006, p.23)

A partir de estudo sobre a importância da interculturalidade no ensino de língua estrangeira, observamos o caso de uma escola de língua coreana. Como nossa

escola tem bastante alunos descendentes de japoneses, coreanos, e bolivianos, eles aprendem costumes, valores, e tradições das várias culturas misturadas. Nesse ambiente, dependendo de como as culturas são ensinadas, a escola pode prejudicar a identidade dos alunos causando confusões, ou ampliar o horizonte das perspectivas culturais dos alunos.

A nossa escola optou por inserir várias atividades que dão oportunidades de conhecer a nova cultura, aprendendo a conviver e respeitar as outras. Alguns alunos comentaram sobre suas experiências no nosso curso de coreano:

> "As aulas do curso de língua coreana da Aliança Coreana, ministradas pela professora Se Eun Kim, não só abriram espaço no meu aprimoramento intelectual no conhecimento de uma nova língua, como também, me permitiram descobrir uma nova cultura e seus fascinantes aspectos.
>
> A descoberta desse novo idioma abriu portas para um mundo ainda pouco explorado por mim e, certamente, despertou meu desejo de expandir meus conhecimentos sobre a Coreia do Sul, seus costumes, tradições, e me fizeram entender também um pouco mais sobre os aspectos e comportamentos sociais dos coreanos. (Aluna Karoline-turma iniciante dos adultos)"
>
> "Nas aulas de coreano eu aprendi sobre várias coisas interessantes que com toda a certeza eu não aprenderia em outro lugar.
>
> Gostei quando começamos a aprender um pouco sobre a cultura coreana como as vestes antigas Hanbok ou sobre o Rei Sejong, também gostei muito quando tínhamos aulas de Taekwondo, a forma como as professoras ensinam é única e divertida, o que facilitou a minha aprendizagem e a dos outros alunos. No começo foi um pouco difícil de aprender as vogais e consoantes até porque era tudo muito diferente, mas com o tempo fui me acostumando e gostei bastante.
>
> Teve várias coisas que ajudaram na minha aprendizagem da língua coreana, por exemplo, os origamis faziam a gente decorar a escrita e a fala, entre outras coisas. Desfrutei de tudo isso nas aulas coreanas, é tudo muito bem-organizado e a atenção das professoras com os alunos é muito boa! (Aluna Aline-Turma de crianças 12 anos)"
>
> "Existem vários motivos pelos quais uma pessoa decide estudar um outro idioma, e no meu caso, decidi estudar o idioma coreano para poder entender um pouco as músicas e novelas das quais eu já gostava.
>
> Está sendo uma ótima experiência conhecer um pouco mais da cultura coreana, pois durante as aulas, são utilizados diversos materiais como leitura de nomes de novelas conhecidas, na língua original, também aprendemos costumes, músicas e até pudemos ler um cardápio em coreano e depois nos encontramos em um restaurante típico para experimentar comidas bem diferentes da nossa. Ah, são nessas ocasiões que podemos aprender como se portar em uma mesa, por exemplo.

> Já consigo visualizar o dia em que passearei na Coreia do Sul e colocando em prática as aulas dadas e respeitando a cultura e os costumes locais. Afinal, o aprendizado de uma outra língua nos mostra que não existe certo e errado, mas o respeito deve sempre existir entre todas as nações. (Silvia, aluna da turma iniciante de adultos)"

Ensinando a cultura coreana e conhecendo a cultura dos alunos, pude concluir que cada indivíduo é único e que sua identidade é formada através da interculturalidade de uma maneira distinta. O valor da interculturalidade não se limita a ser a uma diversidade, mas é uma multiplicidade que produz a identidade e a diferença. (SILVA, 2014, p.99) Desta forma, a ênfase de ensinar qualquer língua ou matéria no contexto intercultural na sala de aula é um objetivo essencial que as escolas na era do pós-modernismo devem buscar.

# REFERÊNCIAS


ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine, *Interculturalism as a paradigm for thinking about* diversity *in Intercultural Education*. volume 17 issue 5, 475-483. Sausalito-CA: Taylor & Francis, 2006.

BOTO, Carlota. *Comenius e a educação universal para ensinar todas as coisas.* Pedagogía y Saberes, *[s.l.]*, n. 54, 2021. DOI: 10.17227/pys.num54-11521. Disponível em: https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/11521. Acesso em: 22 mar. 2022.

BYRAM, Michael, *et al*. *Developing the intercultural dimension in language teaching*: a practical introduction for teachers. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

BYRAM, Michael. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence.* Clevedon - UK: Multilingual Matters, 1997.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos.* Tradução de Nilson Moulin. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COMÉNIO, João Amós. *Didáctica magna*. 6ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. 2ª Edição. Editora Unesp, São Paulo, 2011

FENG, Anwei; BYRAM, Michael; Fleming, Mike. *Becoming Interculturally Competent through Education and Training*. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.* 50ª Edição. São Paulo: Cortez, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Edward T. *Understanding Cultural Differences.* Yarmouth - ME: Intercultural Press, 1987.

HANNA, Vera Lucia Harabagi. *Língua, cultura, comunicação: a dimensão intercultural nos estudos de línguas estrangeiras.* São Paulo: Editora Mackenzie, 2019a.

_____. *Línguas estrangeiras: O ensino em um contexto cultural*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019b.

HYMES, D.H. *On Communicative Competence In: PRIDE,* J.B.; HOLMES, J. (eds) *Sociolinguistics. Selected Readings.* Harmondsworth: Penguin, 1972.

KWAAK, Jeyup S. *Inside the Business of BTS — And the Challenges Ahead.* Sl: Billboard, 2021. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/music-news/bts-billboard-cover-story-2021-interview-9618967/>. Acessado em 07/02/2022.

KIM, Seon Jeong, et al. *Língua Coreana para Diásporas 1-1.* National Institute for International Education, Seoul, 2020

LACAN, Jacques. *Escritos.* Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

NEVES, M.H.N. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. Contexto, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Hélvio Frank de, *et al* (orgs). *(Inter)cultura e Lingua(gem).* Curitiba: Editora CRV, 2019.

PEREIRA, R.C.M. ROCA, M.P. *Linguística aplicada*, Contexto, São Paulo, 2009

SILVA, Vanessa Maria da. *Ensino de português como língua estrangeira e a perspectiva intercultural: um estudo etnográfico nos Estados Unidos.* 2016. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* 3ª Edição. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.

SOUZA, F.M.; ARANHA, S.D.G. *Interculturalidade, Linguagens, e Formação de Professores*. Campina Grande: Eduepb, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAMLI, Bibi N. *K-Pop kings BTS earns a spot in Guinness World Records 2018 for most Twitter engagements.* sl: 2017. Disponível em: <https://www.nst.com.my/lifestyle/groove/2017/11/305636/k-pop-kings-bts-earns-spot-guinness-world-records-2018-most-twitter>. Acessado em 02/03/2022.

RISAGER, Karen. *Intercultural Learning: Raising Cultural Awareness*. *in* EISENMANN, Maria; SUMMER, Theresa (eds.). *Basic Issues in EFL Teaching and Learning.* Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012

VAN TIL, Henry R. *O conceito calvinista de cultura.* São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *Culture is ordinary*. *In* HIGHMORE, Ben (ed.) *The Everyday Life Reader*. Londres: Routlege, 2002.